

“Alegria delirante” com o noticiário internacional: a rendição da Alemanha nas páginas dos jornais brasileiros”

Edvaldo Correa Sotana*

Alguns estudiosos debateram aspectos da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Dentre os temas abordados, enfocaram o impacto provocado pela luta contra a Alemanha nazista sobre a continuidade do Estado Novo. Diversos autores argumentaram, inclusive, que a aproximação da vitória aliada sobre as forças nazifascistas contribuiu para o enfraquecimento da censura e para o esfacelamento da ditadura varguista. No entanto, a historiografia pouco analisou a maneira como os jornais brasileiros noticiaram o desfecho do conflito travado no continente europeu. Partindo dessa constatação, é objetivo central deste artigo analisar o material jornalístico referente ao fim da guerra no continente europeu, especialmente as publicações sobre as comemorações iniciadas no Brasil, sem, é claro, desconsiderar a posição editorial assumida pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Manhã*, *Diário de S. Paulo*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*.

Palavras-chave: Imprensa escrita, Segunda Guerra Mundial, Estado Novo.

Some researchers have discussed aspects of Brazilian participation in the Second World

O vento da morte e da ignomínia soprou por sobre a terra. Mas não derrubou as grandes árvores. A Inglaterra, embora cambaleante, não estava vencida, os Estados Unidos compreendiam a realidade dos fatos, o Brasil colocava-se ao lado das democracias. No torvelinho da incerteza distinguiu-se, nos primeiros tempos, os principais esteios da liberdade e que seriam os alicerces da futura vitória (O Estado de S. Paulo, 08/05/1945, p. 01).

Alguns pesquisadores estudaram aspectos da participação brasi-

* Professor Adjunto – UFMS/ Campus de Aquidauana. Doutor em História – UNESP/

War. Among the topics discussed, focused on the impact caused by the struggle against Nazi Germany about the continuity of the Estado Novo at Brasil. Authors argued, also, that the approximation of the victory about Nazi forces contributed to the weakening of censorship and the disintegration of the Vargas dictatorship. However, little historiography examined how Brazilian newspapers reported the outcome of the conflict fought in the European continent.

So, objective of this article is to analyze the journalistic texts about the war ended in the European continent, especially the publications about the celebrations started in Brazil and the editorial position of newspapers *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Manhã*, *Diário de S. Paulo*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*.

Keywords: Newspapers, Second World War, Estado Novo

leira na Segunda Guerra Mundial. Seitenfus¹, Cytrynowicz², Ferraz³ e Santos⁴ produziram trabalhos voltados para a temática. O assunto foi também abordado de forma breve e pontual por autores interessados em outros objetos de estudo.⁵

Um breve levantamento bibliográfico pode, igualmente, apontar uma tese instigante. Pesquisas acadêmicas relacionaram a opção do governo brasileiro de lutar ao lado das nações democráticas e contra as forças do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), durante a Segunda Guerra Mundial, às dificuldades para a manutenção do Estado Novo.

Antônio Mendes de Almeida Júnior, por exemplo, demonstrou que a entrada do Brasil na guerra “estabeleceu uma visível contradição no interior da política brasileira”. Segundo o autor, a decisão abriu possibilidades para questionar: “Como iríamos lutar contra a opressão e a ditadura na Europa, enquanto aqui mesmo, dentro de nossas fronteiras, vivíamos uma situação semelhante, com prisões, torturas, deportações, censura à imprensa, partidos políticos proibidos, etc?”⁶

¹ SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: o processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

² CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

³ FERRAZ, Francisco. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

⁴ SANTOS, Luciana Ibarra dos. *Há algo de novo no front: a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Porto Alegre, 2006. 125 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, 2006.

⁵ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989; ALMEIDA JÚNIOR, Antônio Mendes. Do declínio do Estado Novo ao suicídio de Getúlio Vargas. In: FAUSTO, Boris. *História geral da civilização brasileira: sociedade e política*. 2. ed. v. 3. São Paulo: Difel, 1983 e D'ARAÚJO, Maria Celina de. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

⁶ ALMEIDA JÚNIOR, Antonio. *Op. cit.*, p. 228.

Ao apresentar o livro *Repensando o Estado Novo*, fruto do Seminário intitulado *Estado Novo: 60 anos*, realizado no Rio de Janeiro entre 03 e 06 de novembro de 1997, Dulce Pandolfi ressaltou que o envolvimento brasileiro na luta contra o nazifascismo “contribuiu para o enfraquecimento do regime” estadonovista. E indagou: “Como justificar a manutenção da ditadura, se soldados brasileiros lutavam na Europa em prol da democracia?”⁷

É preciso, no entanto, considerar a ponderação feita por Maria Celina D’Araújo:

Um ponto sempre questionado é de que forma o resultado da guerra determinou o fim do Estado Novo. Para muitos, uma ditadura que apoiava democracias estaria fadada a acabar — afinal, o ditador e o país haviam se empenhado no conflito em nome da democracia. Mas os fatores externos não explicam tudo.⁸

Aos poucos, fissuras começavam a ser abertas na ditadura varguista e ganhava corpo um movimento “pouco ruidoso, mas eficaz no sentido de questionar as bases do regime”.⁹ Contudo, os opositores não formaram um bloco único e coeso. Ao contrário, setores diversificados, e muitas vezes desarticulados, manifestavam posição contrária ao regime varguista. Além disso, as dificuldades para organização de um movimento contestatório aumentavam em função das arbitrariedades promovidas durante o Estado Novo. As inúmeras prisões e os exílios certamente dificultavam a instauração de um movimento de resistência à ditadura varguista.¹⁰

Ainda assim, parece possível pontuar alguns momentos que abalaram os alicerces do regime. Em 1942, por exemplo, o *Manifesto dos Mineiros* defendeu a volta do país à normalidade democrática. No ano seguinte foi criada a Sociedade Amigos da América, entidade integrada por militares de alta patente e com a preocupação de lutar contra as doutrinas fascistas europeias ou nacionais. Em 1943, a União Nacional dos Estudantes, a Liga de Defesa Nacional, a Sociedade Amigos da América e os bancários organizaram a Semana Antifascista.¹¹

A partir do segundo semestre de 1944, o avanço das tropas aliadas e a iminência de derrota do nazifascismo europeu coincidiram com os sinais de esgo-

⁷ PANDOLFI, Dulce. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1999, p. 11.

⁸ D’ARAÚJO, Maria Celina. *Op. cit.*, p. 56.

⁹ *Idem, ibidem*, p. 57.

¹⁰ ALMEIDA JÚNIOR, Antonio. *Op. cit.*

¹¹ *Idem, ibidem*.

tamento político do Estado Novo. A cristalização de grupos de resistência ao regime, a atitude de correntes políticas opositoras em indicar o nome do brigadeiro Eduardo Gomes, em outubro daquele ano, como candidato à sucessão de Vargas, a realização do 1º Congresso Brasileiro de Escritores, em janeiro de 1945, clamando por liberdade de expressão e pelo sufrágio universal, e, no mês seguinte, a entrevista concedida por José Américo de Almeida exigindo eleições livres e exaltando a candidatura de Eduardo Gomes à presidência da República, podem ser considerados acontecimentos que indicaram o abrandamento da censura e contribuíram para o enfraquecimento do próprio regime¹².

Se, por um lado, a historiografia tem debatido as consequências da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial para a manutenção do Estado Novo, por outro lado é preciso considerar os acontecimentos internos que contribuíram para o fim da ditadura varguista. Nessa perspectiva, pode-se tentar compreender a posição assumida e os expedientes utilizados pela imprensa escrita brasileira para tratar de um acontecimento internacional como o desfecho da segunda conflagração mundial.

Tem-se como hipótese que alguns jornais — *O Estado de S. Paulo* (OESP), *Folha da Manhã* (FM), *Diário de S. Paulo* (DSP), *Correio da Manhã* (CM) e *Jornal do Brasil* (JB) — descreveram as comemorações realizadas em território brasileiro, motivadas pela rendição da Alemanha, e aproveitaram para emitir opinião sobre temáticas caras ao governo ditatorial de Getúlio Vargas, isto é, informaram sobre o júbilo que tomou conta da multidão nas ruas e discutiram temas como liberdade e democracia num momento de crise do Estado Novo.

Estado Novo e imprensa escrita

É possível observar que os meios de comunicação ostentaram um “novo papel” no período do Estado Novo¹³. De forma inédita na história republicana do Brasil até aquele momento, os ideólogos do regime montaram uma estrutura para

¹² FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento queremista. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano: tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 35-39.

¹³ BARBOSA, Marialva. Imprensa e poder no Brasil pós-1930. *Em questão*. Porto Alegre, v. 12, n. 02, p. 215-234, jun./dez. 2006, p. 219.

realizar, sistematicamente, a propaganda do governo e, para obter legitimidade, no plano ideológico esforçavam-se para justificar a necessidade de tal expediente.¹⁴

A partir de 1939, as empresas jornalísticas e as atividades dos profissionais passaram a ser regulamentadas, vigiadas e censuradas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Além disso, Vargas procurou utilizar as ondas do rádio e as páginas dos jornais para estabelecer uma relação direta com as “massas”. Reproduzir discursos oficiais, divulgar as atividades e as qualidades do chefe do Estado Novo eram obrigações inquestionáveis para os meios de comunicação. Parecia existir “íntima relação entre censura e propaganda”. Por um lado, as “atividades de controle impediam a divulgação de determinados assuntos” e, por outro lado, “impunham a difusão de outros na forma adequada aos interesses do Estado”.¹⁵

Em certo sentido, pode-se avaliar que a ideologia estadonovista “recuperou práticas autoritárias pertencentes à tradição brasileira”. No entanto, também é preciso salientar que incorporou outras ligadas à propaganda e a educação.¹⁶

Controle, repressão, censura e manipulação dos órgãos de imprensa escrita foram marcas do regime. A situação enfrentada pelos proprietários de *O Estado de S. Paulo* ilustra, de modo lapidar, a maneira como o regime estabelecia relações com determinados periódicos. Em 1940, representantes do regime expropriaram o jornal e o converteram em órgão oficioso.¹⁷ O matutino voltou a ser comandado pela família Mesquita somente com o fim do Estado Novo.

Com muito cuidado, outro tema também deve ser abordado quando pensamos a relação dos jornais brasileiros com a ditadura varguista. É preciso registrar que a censura não atingiu todos os órgãos de forma homogênea e que alguns até colaboraram com o regime. Apesar de ter reconhecido a sua existência, Barbosa asseverou: “Ainda que tenha havido encampação de alguns periódicos, perse-

¹⁴ VELLOSO, Mônica Pimenta. Cultura e poder político: uma configuração do campo intelectual. In.: OLVEIRA, Lucia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Angela Maria de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. R.J.: Zahar, 1982, p. 72-73.

¹⁵ CAPELATO, Maria Helena Rolim. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In.: PANDOLFI, Dulce. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1999, p. 174-175

¹⁶ OLIVEIRA, Lucia Lippi. Apresentação. In.: OLVEIRA, Lucia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Angela Maria de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. R.J.: Zahar, 1982, p. 10.

¹⁷ *Idem, ibidem*.

guição de tantos outros, houve mais proximidades, acordos e relações conjuntas entre os homens de governo e os homens da imprensa do que divergências”.¹⁸

Convém salientar que os periódicos brasileiros atingidos pela ditadura não formavam um bloco homogêneo e monolítico que aceitava passivamente as arbitrariedades do regime varguista. Não se trata de negar a força da repressão mantida por mecanismos de controle, vigilância, censura e punição, mas de indicar as possibilidades e os expedientes utilizados por alguns órgãos para formular críticas ao projeto hegemônico estadonovista, ainda que de forma sutil e cuidadosa. Como acentua Tânia Regina de Luca, a pesquisa com os números da *Revista do Brasil* publicados no ano de 1944¹⁹ permitiu

divisar, ainda que de forma sutil e cuidadosa, a adoção de postura bastante crítica em relação aos caminhos seguidos pelo governo Vargas, expressa no perfil dos colaboradores e dos artigos especialmente escritos para a revista, na seleção de matérias transcritas de periódicos nacionais e internacionais, no tratamento dispensado às questões candentes do cenário externo, freqüentemente mobilizados como metáfora para criticar aspectos da situação interna²⁰.

A análise da *Revista do Brasil* levou a pesquisadora a vislumbrar “outras possibilidades abertas à ação da imprensa, a despeito da truculência e das várias estratégias de controle — mas também cooptação e sedução — articuladas pelo regime”.²¹

Portanto, o noticiário internacional produzido pela imprensa escrita brasileira abriu espaço para os jornalistas, em algumas ocasiões, transporem as barreiras da censura e questionarem as bases do projeto político-ideológico estadonovista, como sugere a cobertura jornalística sobre o fim da Segunda Guerra Mundial na Europa e o noticiário sobre as conseqüentes comemorações realizadas no Brasil.

¹⁸ BARBOSA, Marialva. *Op. cit.*, p. 220.

¹⁹ Sobre a história e as fases da *Revista do Brasil*, Tânia Regina De Luca informa: “A idéia original do lançamento coube a Júlio de Mesquita, o proprietário do jornal O Estado de S. Paulo, que se manteve à frente da publicação até maio de 1918, quando passou às mãos de Monteiro Lobato, que editou sem interrupções até a falência dos seus negócios, em 1925, totalizando 113 números. A chancela foi adquirida por Assis Chateaubriand, que a lançou em três oportunidades: de 1926 a 1927 (segunda fase, dez números); de 1938 a 1943 (terceira fase, 56 números) e em 1944 (quarta fase, três números). Acrescenta-se, ainda, o ressurgimento dos anos 1984 e 1990 (quinta fase, doze números), proposto por Darcy Ribeiro”. Consultar: DE LUCA, Tânia Regina. *Leituras, projetos e (Re)visita(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 07.

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 11.

²¹ *Idem*, p. 264-265.

Do telegrama à transmissão rádiofônica da notícia

Em maio de 1945, o enfraquecimento do regime estadonovista era evidente.²² Naquele contexto, a notícia da vitória dos Aliados sobre os países do Eixo chegou ao público brasileiro pelas emissoras de rádio. Tanto a *Excelsior* quanto a *Cruzeiro do Sul* se beneficiaram da agilidade dos serviços prestados pela agência internacional de notícias Reuters²³, instalada na Vila Mariana, em São Paulo, num prédio pertencente à família Mesquita. Reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo* informava que a redação da agência apresentava aspecto característico de tempos de guerra. A qualquer momento poderia chegar o telegrama e, por isso, todos estavam apostos, aguardando as notas sobre a rendição da Alemanha. O momento foi assim descrito:

Precisamente às 9 e um minuto, surgiu o primeiro “flash” — o telegrama urgente. Era a notícia de rendição incondicional das forças alemãs na Noruega. A tensão nervosa contida por todos explodiu. A tradução e a redação dos telegramas foram feitas, rápidas e precisas. Os telegramas funcionaram. E a Rádio Cruzeiro do Sul entrou no ar, precedida apenas pela rádio Excelsior, com diferença mínima.²⁴

Os trabalhos prosseguiram e, em pouquíssimo tempo, outro “flash” proveniente de Londres fez com que o funcionário responsável pela tradução empali-

²² CAPELATO, Maria Helena Rolim. Propaganda política... *Op.cit.*

²³ Apesar do aumento substancial do número de trabalhos sobre a imprensa escrita brasileira nas últimas décadas, ainda são poucos os estudos relativos à produção e à veiculação do noticiário internacional nas páginas de jornais e revistas. A operação realizada pelos jornalistas para transformar telegramas em notícias e a presença das agências internacionais em território brasileiro são temas pouco pesquisados. Para mais informações, consultar BIAGI, Orivaldo. *O imaginário e as guerras da imprensa: estudo das coberturas realizadas pela imprensa brasileira da Guerra da Coreia (1950-1953) e da Guerra do Vietnã na sua chamada “fase americana” (1964-1973)*. 280 fls. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001; NATALI, João Batista. *Jornalismo internacional*. São Paulo: Contexto, 2004; PERES, Andréa Carolina Schvartz. *Enviado especial a...: uma análise antropológica da cobertura da imprensa brasileira das guerras da ex-Iugoslávia (anos 90)*. Campinas, 2005. 279 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2005 e SOTANA, Edvaldo Correa. *A paz sob suspeita: representações jornalísticas sobre a manutenção da paz mundial (1945-1953)*. Assis, 2010. 272 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2010.

²⁴ OESP. 08/05/1945, p. 10.

decesse. Como uma espécie de recompensa pela dedicação e esforço realizado durante anos, o tradutor se preparou para trabalhar no “grave e importante” telegrama. Em pouco tempo, o escritório da agência virou “um verdadeiro reboiço” e, de forma rápida, enérgica e precisa, as ordens foram dadas. A máquina da Reuters passou a emitir telegramas de forma segura, venceu todos os obstáculos e ganhou a “mais formidável corrida jornalística” daquele momento. A ocasião foi registrada como o “ponto culminante da vida” dos funcionários do escritório da Agência Reuters em São Paulo.²⁵

Porém, a notícia sobre a rendição da Alemanha não foi imediatamente divulgada. Permaneceu restrita às salas, cabines, estúdios das agências e estações de rádio à espera de uma “hora burocrática” para divulgação. Como “ninguém tinha força para contê-la”, rapidamente se espalhou das emissoras de rádio para as ruas das cidades.²⁶

Na divulgação da derrota das forças nazi-fascistas, a cobertura jornalística contou com a atuação de diversas emissoras de rádio. As *Rádios Associadas de São Paulo* informaram sobre a rendição da Alemanha e sobre o delírio coletivo que tomou conta do povo paulista depois de quase seis anos de conflito.²⁷ A boa notícia foi levada aos lares brasileiros pelas emissoras paulistas *Excelsior* e *Cruzeiro do Sul*. O jornal *O Estado de S. Paulo* chegou a registrar o papel desempenhado por uma das emissoras radiofônicas:

A Rádio Cruzeiro do Sul de São Paulo foi a segunda estação a transmitir, ontem, pelo jornal falado “Estado de S. Paulo”, a notícia do fim da guerra. Desde a primeira irradiação da notícia, a multidão começou a aglomerar-se na Praça do Patriarca, em frente aos estúdios daquela emissora, que transmitiu, durante toda a tarde, notícias, discursos e músicas nacionais de todos os países aliados, assim como uma resenha cronológica dos acontecimentos mais importantes verificados desde o começo da guerra, resenha essa coligida pelo Prof. J. Orlandi, chefe da Seção do Exterior de “O Estado de S. Paulo”.²⁸

²⁵ *OESP*. 08/05/1945, p. 10.

²⁶ *CM*. 09/05/1945, p. 14.

²⁷ *DSP*. 08/05/1945, p. 01.

²⁸ *OESP*. 08/05/1945, p. 10.

Como de praxe durante o Estado Novo, o serviço radiofônico exerceu papel central na transmissão da notícia.²⁹ Nesse aspecto, as emissoras de rádio parecem ter levado vantagem em relação à imprensa escrita por funcionarem de modo diferente no processo de produção e veiculação do noticiário, sobretudo por terem um formato que possibilita a modificação da programação diária e a inclusão de novas informações imediatamente após os acontecimentos.

Cabe registrar que certa disputa começava a ser travada pelas empresas jornalísticas. Além de estamparem suas páginas com material noticioso sobre o fim do conflito e a rendição do Reich, os diferentes periódicos competiam para demarcar a empresa jornalística mais ágil na transmissão da notícia.³⁰ Com base nas formulações teóricas de Jeanneney, importa considerar a concorrência entre os meios de comunicação social e uma espécie de “guerra” travada entre emissoras de rádio que ecoava nas páginas impressas³¹.

Publicidade da vitória: Liberdade e democracia

A euforia criada pela proximidade da vitória dos Aliados não mobilizou as empresas jornalísticas apenas no momento de transmissão do noticiário, mas também na veiculação de anúncios publicitários. Pouco frequentes durante o conflito, anúncios com a temática da paz ganharam espaço nas páginas dos jor-

²⁹ É preciso lembrar que as emissoras de rádio foram armas muito utilizadas durante o Estado Novo. Os homens do regime usavam os meios de comunicação para legitimar o Estado Novo e conquistar o apoio dos trabalhadores à política varguista. Para isso, imprensa escrita e rádio foram os meios de comunicação mais utilizados (CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Propaganda...*, *op. cit.*, 1999). Somente décadas mais tarde as emissoras de televisão ganhariam destaque entre os meios de comunicação de massa. No período do Estado Novo, o contato com a televisão ainda era muito prematuro, fruto de situações específicas e restrito a determinadas regiões do Brasil. Em junho de 1939, por exemplo, os cariocas conheceram a televisão graças à Exposição de Televisão, evento realizado durante a Feira de Amostras do Rio de Janeiro. Na ocasião, o aparelho foi utilizado como peça de propaganda do Estado Novo. Consultar: Busetto, Álvaro. Em busca da caixa mágica: o Estado Novo e a televisão. In.: *Revista Brasileira de História*. São Paulo. V. 27, n. 54, p. 177-196, 2007.

³⁰ *OESP*. 06/05/1945, p. 08 e 16; 09/05/1945, p. 01; *FM*. 01 e 09/05/1945, p. 01; *JB*. 04 e 08/05/1945, p. 07; *CM*. 06, 08 e 09/05/1945, p. 01.

³¹ JEANNENEY, Jean-Nöel. *Uma história da comunicação social*. Lisboa: Terramar, 1996.

nais em meados de 1945. Antenadas com a relevância do acontecimento, algumas empresas veicularam peças publicitárias nas páginas impressas. A empresa de capitalização Prudência, por exemplo, aproveitou o momento para fazer uma breve alusão à possibilidade de a paz voltar “a reinar sobre a terra”.³²

Já o Curtume Santo André congratulou os “clientes e amigos pelo fim da conflagração mundial”³³. Por sua vez, a Coca-Cola Refrescos ofereceu “um milhão de melodias” no Programa da Vitória, na *Rádio Record*, às 21h35min. Conforme o anúncio, a “Canção do soldado”, “os hinos da América” e “Deus salve a América” poderiam ser apreciadas pelos ouvintes.³⁴ A companhia de seguros Vitória saudou seus amigos e clientes no Dia da Vitória.³⁵

A paz não foi o único tema em voga na propagada impressa. A liberdade também foi tema de anúncio publicitário. A associação entre o Dia da Vitória, paz, liberdade e o nascimento de uma “nova era” foi o mote da propaganda comemorativa dos 30 anos da Texaco no Brasil. O texto do anúncio é bastante sugestivo:

LIBERDADE! PAZ! Uma nova era que se inicia, um novo mundo que nasce!
Entre as celebrações da vitória, voltemos o pensamento para os que a conquistaram. E adotemos como palavra de ordem: construir! Para sobreviver e para merecer da paz que com seu sangue e sua vida alcançaram os soldados, marinheiros e aviadores do Brasil — sentinelas avançadas da civilização. Trabalhe-mos com afã e confiança, com plano e consciência, sem esmorecer. Por um só ideal — consolidar a paz! E pela decisão universal de eliminar para sempre a ameaça de qualquer guerra!³⁶

A *Rádio Difusora* aproveitou o momento para divulgar o programa intitulado “O que vai pelo mundo – resenha radiofônica dos acontecimentos da atualidade”. Com o título “No lar... na escola... na trincheira... na fábrica... todos lutam pelo mundo de amanhã!”, a peça publicitária registrou a existência de “um front em toda parte”. Por fim, indicou que “a luta pela democracia” poderia ocorrer em qualquer lugar.³⁷

³² *CM*. 08/05/1945, p. 03.

³³ *OESP*. 08/05/1945, p. 03.

³⁴ *FM*. 10/05/1945, p. 01.

³⁵ *OESP*. 08/05/1945, p. 13.

³⁶ O interessante é que a mesma peça publicitária foi publicada em dois periódicos concorrentes: *OESP*. 08/05/1945, p. 13 e *FM*. 10/05/1945, p. 09.

³⁷ *FM*. 15/05/1945, p. 02.

No entanto, a atuação das emissoras de rádio e a inserção dos anúncios publicitários não foram os únicos registros ligados aos acontecimentos internacionais de início de maio de 1945. Conforme as publicações impressas, a possibilidade de estabelecimento da paz mundial mobilizava a população brasileira. Com o Dia da Vitória e a transmissão da notícia pelas emissoras de rádio, os brasileiros encheram as ruas das cidades para comemorar a rendição da Alemanha nazista.

A celebração do “Dia da Vitória”

Assim que as notícias radiofônicas foram transmitidas, diversas cidades brasileiras se transformaram em palco de efusivas manifestações populares para comemorar o “Dia da Vitória”, sendo que a imprensa não deixou de reportá-las em suas páginas.³⁸

Com a notícia, as atividades dos estabelecimentos comerciais e das repartições públicas foram paralisadas na cidade de São Paulo. Aos poucos, cerca de 80 mil pessoas se reuniram na Praça da Sé. Logo pela manhã, um comício foi organizado e diversos oradores se revezaram para celebrar a rendição da Alemanha. No mesmo local foram realizadas cerimônias religiosas em ação de graças pela paz. Nas ruas lotadas, homens, mulheres e crianças manifestavam seu caloroso contentamento pela notícia tão esperada. Com “alegria delirante”, o povo paulista festejou a rendição das forças alemãs e a chegada da paz na Europa, lotando as ruas centrais da cidade para receber “ruidosamente” o final do conflito, espalhar “milhões de pedacinhos de papel, à moda novayorkina”, criando, assim, um “ambiente colorido e entusiástico”. Os manifestantes conduziam bandeiras e dísticos dando vivas às Nações Unidas e aos líderes das “grandes potências que esmagaram definitivamente as últimas forças nazi-fascistas”. Nesse clima, a notícia da rendição incondicional da Alemanha “inflamou a alma popular” e, aos poucos, atingiu as “proporções de um verdadeiro delírio”. Num autêntico carnaval, os anônimos se misturavam para vibrar e saudar intensamente o surgimento de um mundo novo. As manifestações populares atingiram seu auge no período da tarde, quando se realizou “grande comício e passeata” no centro da cidade. De forma ininterrupta, os festejos foram até as últimas horas da madrugada.³⁹

³⁸ As comemorações foram tema central de reportagem fotográfica de David Nasser publicada na revista *O Cruzeiro* de 12/05/1945, p. 09-17.

³⁹ *FM*. 08/05/1945, p. 01; *OESP*. 08/05/1945, p. 01, 04 e 18; 04; 09/05/1945, p. 01; *DSP*. 08/05/1945, p. 01.

A espontaneidade das manifestações populares nas ruas da capital paulista foi registrada pelo *Diário de S. Paulo*: “o mais notável é que nenhum órgão, oficial ou privado, teve a presunção de dirigir ou orientar as comemorações, pois elas foram espontâneas e livres, emergindo ao sabor das circunstâncias em plena rua”.⁴⁰

As comemorações também atingiram as ruas da capital federal. No Rio de Janeiro, os órgãos impressos noticiavam que o júbilo pela rendição da Alemanha tomou conta da Avenida Rio Branco e de outras ruas centrais da cidade. Nelas, o povo dava expansão à sua alegria, pois homens e mulheres de todas as condições e de todas as classes sociais começavam a festejar o fim da carnificina na Europa e a perspectiva de regresso “à pátria dos milhares de brasileiros que foram pelear no solo da Itália pela causa da liberdade e da democracia”. Desse modo, o Dia da Vitória comportava tanto “a pompa das marchas triunfais e os cantos patrióticos” quanto o “choro do homem do povo, feliz porque o reino da paz voltou enfim a seus lares”. Pairava a esperança de que das “tremendas calamidades da guerra” sairia um mundo “melhor e mais feliz”.⁴¹ A alegria imperava nas ruas da cidade e “entre espoucar de foguetes e estouros de bombas”, o povo se agitava “dando livre expansão ao seu contentamento”.⁴²

Já nas primeiras horas da tarde, quase todo o comércio fechou as portas, possibilitando que os funcionários tomassem “parte nas demonstrações de regozijo”. O cenário para receber os manifestantes havia sido preparado pela prefeitura na noite anterior. Em pontos estratégicos, alto-falantes foram distribuídos para agitar a massa. A Avenida Rio Branco foi cuidadosamente decorada com bandeiras das Nações Unidas. Nela, estudantes do Colégio Pedro II realizaram “vibrante passeata”. Da Avenida Rio Branco, “numerosa massa popular” decidiu rumar para o Palácio do Catete para “homenagear” o presidente Getúlio Vargas. Da sacada do palácio, Vargas registrou “viva ao povo”, ouviu o hino nacional

⁴⁰ DSP. 08/05/1945, p. 01.

⁴¹ CM. 08/05/1945, p. 14. A qualidade da cobertura realizada pelos jornais cariocas foi reconhecida por parte da imprensa paulista. *O Estado de S. Paulo* ressaltou que os jornais cariocas produziram edições extraordinárias com a notícia que “inflamou a alma popular” e, desse modo, contribuíram para a “indescritível alegria” que imperou nas ruas da capital brasileira (*OESP*. 08/05/1945, p. 18).

⁴² FM. 08/05/1945, p. 01; *OESP*. 08/05/1945, p. 01.

com a multidão e entoou “viva ao Brasil”.⁴³ Dando prosseguimento à passeata, os manifestantes seguiram em direção à Praça Duque de Caxias.⁴⁴ Vale a pena ler a descrição publicada pela *Folha da Manhã*:

É indescritível a alegria que se apossou do povo carioca comemorando hoje o Dia da Vitória. O povo acorreu às ruas centrais da cidade fazendo, de “motu-próprio”, um carnaval a que não faltaram blocos, cordões, fantasias, cuícas, tamborins, estandartes, orquestras, confetes, etc. Comícios foram improvisados nos quatro cantos da cidade. Bandas militares saíram às ruas confraternizando com o povo. Bombas e foguetes em quantidades nunca usadas nesta Capital espoucaram durante todo o dia e até altas horas da noite.⁴⁵

As manifestações populares não ficaram restritas somente às ruas das duas principais cidades brasileiras. No interior de São Paulo, as portas das lojas foram fechadas, as pessoas tomaram conta das ruas e iniciaram manifestações de “intenso júbilo”. Campinas, Vargem Grande do Sul, Avaré, Pirassununga e Botucatu foram alguns dos palcos das comemorações populares.⁴⁶

Além dessas comemorações, também foi realizada uma missa campal em ação de graças pela vitória dos Aliados na Praça da Sé, cidade de São Paulo, no dia 10 de maio.⁴⁷

Nos dias seguintes, as manifestações pela rendição da Alemanha nazista ainda ecoavam. Na avaliação de Nabantino Ramos, a paz era festejada com “alegria ingênua” após o “longo pesadelo da guerra”. No entanto, o jornalista concluía de

⁴³ A historiografia pouco analisou o material produzido pelos jornais brasileiros sobre o desfecho do conflito no cenário europeu. Preocupado com a intervenção promovida pelo Estado Novo no jornal *O Estado de S. Paulo*, Silva demonstrou que matérias sobre as festividades populares geradas pelo término do enfretamento bélico em território europeu foram veiculadas pelo matutino paulista. Para o pesquisador, no entanto, a intervenção federal ainda dava o tom do material noticioso e conferia outro sentido às manifestações: “de festa popular — e alívio pelo fim da guerra —, esses gestos convergiram para ‘homenagens’ prestadas a Vargas no Palácio do Catete, no qual o presidente respondeu à multidão com um breve discurso”. SILVA, Vandrê Aparecido Teotônio da. “*Notícias do Rio*”: a intervenção no jornal O Estado de S. Paulo e a autolegitimação do Estado Novo (1939-1945). São Paulo, 2012. 350 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, 2012. p.23.

⁴⁴ *OESP*. 08/05/1945, p. 18.

⁴⁵ *FM*. 09/05/1945, p. 03.

⁴⁶ *FM*. 08/05/1945, p. 05.

⁴⁷ *FM*. 12/05/1945, p. 05.

forma pessimista: “A vida não será tão bela e feliz, como se esperava, notadamente para aqueles que mais se sacrificaram pela grande causa da liberdade”.⁴⁸

Posicionamento da imprensa escrita

Além das minuciosas descrições das efusivas comemorações populares relativas ao Dia da Vitória, os jornais também se posicionaram, avaliando os significados do acontecimento.

Nas páginas do *Correio da Manhã*, o poeta Augusto Frederico Schmidt refletiu acerca das comemorações e enfatizou que o pensamento dos brasileiros deveria fugir de toda alegria que se manifestava tão ruidosamente para se voltar ao silêncio em que estavam guardados os que morreram na luta. Intitulado *A Legião Invisível* e veiculado na quarta página do jornal — espaço normalmente reservado para a publicação do artigo assinado por Costa Rego, na época diretor do *Correio da Manhã* —, o texto de Schmidt concluía que era justo que todos cantassem e que a alegria estivesse presente, mas alguém precisava velar os mortos.⁴⁹

A contribuição do Brasil na vitória dos Aliados também foi objeto de outra análise jornalística. Mesmo sob intervenção federal imposta durante o Estado Novo, editorial de *O Estado de S. Paulo*⁵⁰ ressaltou a necessidade de sermos dignos da vitória e continuarmos unidos “não só para melhor resolver os nossos problemas internos, mas ainda com o intuito de ajudar a estender, sobre a face da terra, os benefícios de uma paz justa e duradoura”.⁵¹

⁴⁸ *FM*. 15/05/1945, p. 06.

⁴⁹ *CM*. 09/05/1945, p. 04.

⁵⁰ É preciso lembrar que a intervenção estadonovista no jornal *O Estado de S. Paulo* não ocorreu de forma idêntica entre os anos de 1940 e 1945. Provavelmente, encontrava-se enfraquecida nos últimos meses, sobremaneira se compararmos com os anos anteriores. Em 1940, Forças Policiais de São Paulo invadiram a sede do jornal e prenderam Francisco de Mesquita (tio de Júlio de Mesquita), dando início ao processo de intervenção. Após um longo período de arbitrariedades e somente com o fim do Estado Novo, o matutino foi devolvido à família Mesquita em dezembro de 1945. Para mais informações, consultar CAPELATO, Maria Helena Rolim. Os arautos..., *Op. cit.*, 1989 e SILVA, Vandrê Aparecido Teotônio da. *Op. cit.*, 2012.

⁵¹ *OESP*. 08/05/1945, p. 03.

O fim da opressão e a instauração da liberdade foram temas de uma matéria veiculada na última página do jornal. De acordo com a publicação periódica:

Comemorando a paz que afinal foi conquistada, as nossas populações, pelo muito que fizeram, hão de sustentá-la, ao lado de outros povos, com todas as suas forças e inteligência, para que o sangue generoso da mocidade, derramado nas batalhas, tenha sempre a significação que hoje todos lhe reconhecemos: o fim da opressão e o começo da liberdade, cuja existência se deve a milhões de homens, mulheres e crianças sacrificadas.⁵²

Salienta-se que a intervenção estadonovista ainda recaía sobre o periódico paulista. Por isso, alguns textos jornalísticos ainda tratavam positivamente o papel exercido pelo chefe da nação no desenrolar da Segunda Guerra Mundial. Veicular discursos proferidos por Getúlio Vargas era um expediente comum no período do Estado Novo. Como exemplo, pode-se indicar o pronunciamento de Vargas na recepção oferecida pela Liga de Defesa Nacional. De acordo com o matutino paulista, Vargas prestou homenagem aos soldados brasileiros que lutaram na Europa e ressaltou que deveríamos “regozijar” pelo “momento único de nossa história”. Enfatizou que, por sermos todos brasileiros, possuíamos motivo para confraternizar cada vez mais e formar uma “união sagrada”. Conforme o jornal, Vargas continuou, destacando que

devemos estender-nos as mãos, esquecendo ódios e ressentimentos e abraçando-nos fraternalmente; e ainda mais, estamos no limite de uma época em que vamos assistir o mundo reconstruir-se democraticamente sobre as bases do desenvolvimento das forças sociais, econômicas e políticas; um mundo em que todos possam viver e construir com as próprias mãos o edifício de sua felicidade; em que todos tenham a liberdade de pensar e exprimir o seu pensamento; em que a todos seja possível organizar-se para a defesa de suas idéias e aspirações.⁵³

Vale observar que o governo do Estado Novo foi centralizador e autoritário, tornando complexa a tentativa de analisar o pronunciamento de Vargas sobre liberdade de pensar e exprimir pensamento ou, então, a sua avaliação sobre a reconstrução democrática do mundo. Conforme Lucia Lippi de Oliveira, sua “proposição máxima de que só um governo forte torna possível a realização da verdadeira democracia envolve múltiplas interpretações do conceito de democracia.”⁵⁴

⁵² OESP. 08/05/1945, p. 18 (grifo nosso).

⁵³ OESP. 08/05/1945, p. 18 (grifo nosso).

⁵⁴ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Op. cit.*, p.10.

Em outro espaço do matutino paulista, Mário Guastini assinou um artigo sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial como fruto da “pronta e positiva” atitude de Vargas, “digna de admiração dos povos amantes da liberdade”. Ainda segundo o autor, o presidente brasileiro deveria figurar, quando “a história deste período for escrita, digna e legitimamente, ao lado dos três grandes líderes”, pois os acompanhou no ritmo das grandes atitudes, “igualando-se a Franklin Roosevelt, Winston Churchill e Joséf Stálin”⁵⁵. Convém lembrar, no entanto, que a associação que Guastini apontou entre Vargas e a liberdade não foi aleatória, sobretudo por ter sido formulada num momento em que o Estado Novo já se encontrava fragilizado. É válido observar, igualmente, que o mesmo jornalista também colaborava com as edições do *Diário de S. Paulo* e, nos seus textos, procurava imprimir elementos ideológicos do Estado Novo. Portanto, era um notório colaborador do regime estadonovista que procurava tributar a Vargas papel de destaque na vitória dos Aliados.

Em editorial, os articulistas do *O Estado de S. Paulo* avaliaram que o Brasil havia participado da guerra com conhecimento de causa, referendando a política de boa vizinhança e os princípios de solidariedade continental. Como consta no jornal:

Nunca houve aqui ilusões quanto aos torvos objetivos do militarismo germânico. O povo, no seu desenvolvido instinto patriótico, jamais se enganou. Uniram-se os brasileiros em torno do poder constituído e o governo do Sr. Getúlio Vargas mostrou-se à altura da sua missão. Reorganizadas, ampliadas e dotadas de máxima eficiência todas as nossas forças de terra, mar e ar apareceram nos campos de combate, caminhando de vitória em vitória. De novas, puríssimas glórias, despejando sobre os episódios da luta da civilização contra a barbárie e dos ideais democráticos contra o espírito de opressão, cobriu-se o Pavilhão Nacional.⁵⁶

Outros textos indicaram um posicionamento mais incisivo dos jornais brasileiros. Por meio do seu proprietário, *O Diário de S. Paulo* veiculava críticas sobre as formas de despotismo. Em artigo, Assis Chateaubriand bradava por liberdade de iniciativa para os países latino-americanos na organização dos estatutos da nova Sociedade das Nações. Registrava, igualmente, que lei, honra, ordem e justiça eram “o apanágio dos Estados do Continente em sua colaboração

⁵⁵ OESP. 08/05/1945, p. 03.

⁵⁶ OESP. 08/05/1945, p. 03 (grifo nosso).

para derrotar a tirania e o despotismo no mundo”⁵⁷. Se, por um lado, valorizava a manutenção da ordem, por outro, criticava a existência da tirania. Essa posição contrária à tirania, mas pouco contundente com relação ao regime na época vivido pelo Brasil, deve ser pensada frente à complexa relação de Chateaubriand com o poder e, principalmente, com Getúlio Vargas, sempre com vistas a obter benesses do poder federal aos *Diários Associados*. Ademais, é preciso recordar que Chateaubriand conferiu aos seus periódicos uma orientação liberal até a instauração do Estado Novo, momento em que passou a externar apoio ao regime e a exigir que Vargas conduzisse o Estado “inspirado por Hitler”.⁵⁸

A dubiedade da posição assumida por Chateaubriand contrasta com outro texto publicado na mesma edição do jornal. A redemocratização do Brasil foi o tema central da reportagem sobre o retorno de Otávio Mangabeira do exílio imposto pelo Estado Novo. Posicionada no centro da página inicial, a reportagem registrava:

Constituiu vibrante a manifestação de fé na redemocratização do país de que foi alvo o Sr. Otávio Mangabeira, ao desembarcar no aeroporto ‘Santos Dumont’, após mais de sete anos de exílio. Grande multidão aclamou o líder democrático, no comício realizado nas escadas do Municipal, onde mais de uma vez o Sr. Otávio Mangabeira verberou os malefícios da ditadura no seu discurso ontem publicado pelo DIÁRIO DE S. PAULO.⁵⁹

A propagada fé na redemocratização do Brasil e o trabalho do jornal, publicando discursos com os malefícios da ditadura, contrastavam com a pouco incisiva posição de Chateaubriand. Em certo sentido, essa situação estabelece uma lógica muito interessante: as críticas ao Estado Novo e a Getúlio Vargas começavam a aparecer nos *Diários Associados*, mas nem sempre partiam da pena do seu proprietário. A voracidade dos textos do dono da empresa certamente aparecia nos momentos mais propícios às barganhas políticas e econômicas com o poder federal.⁶⁰

⁵⁷ DSP. 13/05/1945, p. 01.

⁵⁸ CAPELATO, Maria Helena Rolim. Os arautos..., *Op. cit.*, p. 22.

⁵⁹ DSP. 13/05/1945, p. 01.

⁶⁰ Assis Chateaubriand transformava os jornais em caixas de ressonância de sua voz e, para além do interesse financeiro, procurava utilizá-los para obter ganhos políticos, aumentar o seu poder e ampliar a sua área de influência. Com Vargas, manteve uma relação baseada na chantagem e em outras formas de pressão. Nos anos 1930 e 1940, a relação entre os dois foi marcada por uma espécie de “zigzague político”. Em alguns momentos Chatô apoiava o político gaúcho. Em outros, criticava

Por sua vez, a *Folha da Manhã* indicava a melhor contribuição que o Brasil poderia oferecer naquele momento:

Se tudo correr bem, resolvidos pacificamente e a contento os problemas europeus do pós guerra, a tarefa das Nações Unidas será, nos próximos 05 anos, a reconstrução da Europa e dos demais países devastados pela guerra também no Extremo Oriente. Nossa maior e melhor contribuição será o abastecimento de gêneros alimentícios e de material de indumentária, se soubermos produzir para as necessidades internas e para as solicitações de exportação (...) infelizmente, não teremos para exportar senão café, algodão e pouca coisa mais, das que se incluem na rubrica 'diversos'.⁶¹

Como consta no editorial, as dificuldades enfrentadas pelo Brasil para produzir e exportar para as nações europeias foram criadas pela política centralizadora e intervencionista do Estado Novo, regime político responsável por instaurar uma burocracia na capital federal, conduzir o país ao “caos econômico” e paralisar todas as iniciativas locais. Ainda de acordo com o editorial, a reconstrução do Brasil na liberdade política, na justiça social e na eficiência econômica deveria pautar as atividades dos homens públicos, pois, tendo padecido os males da guerra, o país poderia colher em compensação os benefícios da paz e consolidar a posição de destaque que conquistou no cenário das nações.⁶² Ao tratar da contribuição brasileira para a reconstrução do mundo no pós-guerra, a *Folha da Manhã* abria espaço para criticar a política econômica estadonovista, ou seja, avaliava a situação internacional e aproveitava para se posicionar no campo político brasileiro.

A posição favorável à redemocratização do Brasil foi acompanhada pelos articulistas do jornal paulista. O jornalista Rubens Amaral, por exemplo, associou a vitória dos Aliados à necessidade de instauração da democracia no Brasil. Em letras garrafais, valorizava o triunfo das Nações Unidas e salientava que a vitória possibilitava aos brasileiros proclamarem o regozijo que seis anos de dores e sofrimento não bastaram para destruir ou amortecer.

as medidas adotadas. Invariavelmente, procurava obter benesses do governo federal com o material publicado nos *Diários Associados*. WAINBERG, Jacques A. *Império das palavras*: estudo comparado dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, e Hearst Corporation, de William Randolph Hearst. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p. 14;47-50.

⁶¹ FM. 08/03/1945, p. 04.

⁶² FM. 08/05/1945, p. 04

Conforme Rubens Amaral, a guerra foi uma só, assim como “uma só foi a vitória — a vitória da democracia, nas planícies da Vestfália e nas montanhas da Baviera, em toda a Europa e em todos os continentes. Portanto, na América. Portanto, no Brasil”.⁶³

Ocupado em avaliar o clima de euforia com a vitória, Amaral afirmou que o povo brasileiro era fiel à justiça, à liberdade e à democracia, demonstrando entusiasmo à causa das Nações Unidas em “manifestações que a censura oficial oprimiu quando pôde, mas não pôde sufocar de todo e que rebentaram com o poder inelutável das forças cósmicas”. E concluiu que o povo brasileiro havia compreendido que “a guerra se travou na Europa entre as democracias e o totalitarismo, entre a liberdade e a opressão”.⁶⁴

Mesmo sem criticar diretamente o Estado Novo, o artigo celebrava o estabelecimento da paz como sendo uma vitória da democracia em todo o mundo. Portanto, a *Folha da Manhã* evidenciava a necessidade de se lutar pela retomada e consolidação da democracia, mas, apesar disso, não veiculava que a resolução dos problemas nacionais fosse tarefa simples. Em diversas ocasiões, a falta de consciência política da população foi invocada para justificar a necessidade de participação das “elites intelectuais” na resolução dos problemas nacionais.⁶⁵

Outra foi a posição expressa por Costa Rego no *Correio da Manhã*. Apesar de não poder ser caracterizado como o periódico carioca católico por excelência, o jornalista veiculou um texto sobre a necessidade de se instaurar uma paz em honra dos mártires da guerra, mas, principalmente, que ela fosse “de amor, na forma da doutrina cristã; de justiça, na harmonia da sociedade; porém, de segurança, na garantia dos povos de boa índole contra os povos de rapina”⁶⁶.

Entretanto, nenhum artigo veiculado pelo periódico carioca apresentou tão nitidamente a ligação entre os fundamentos de uma espécie de catolicismo democrático e o estabelecimento da paz mundial como o de autoria do padre Arlindo

⁶³ FM. 0805/1945, p. 04.

⁶⁴ FM. 10/05/1945, p. 06.

⁶⁵ MOTA, Carlos Guilherme; CAPELATO, Maria Helena *História da Folha de S. Paulo (1921-1981)*. São Paulo: Immpress, 1980, p. 153

⁶⁶ CM. 10/05/1945, p. 04.

Vieira, no qual o religioso definia a “lei de Deus” como primeiro fundamento da paz. Nesse sentido, visando enfatizar as relações entre paz, democracia e moral cristã, argumentava que os estadistas deveriam pensar em “reformular as nações descristianizadas” para consolidarem a pacificação do mundo. Consta ainda que o governo ideal deveria ser baseado na lei de Deus e na promoção do bem estar geral. Desse modo, a paz mundial não dependia apenas de uma forma de governo única para todas as nações, pois nenhum Estado, por pequeno que fosse, poderia ser privado de sua liberdade, integridade e segurança. Para as tentativas de paz não se converterem em sementes de discórdia, o padre Arlindo Vieira sugeria que todas as nações tivessem livre acesso às riquezas do mundo, respeitassem os direitos de Deus e a moral cristã.⁶⁷

Assim como no artigo veiculado pelo *Correio da Manhã*, a marcante religiosidade do *Jornal do Brasil* apareceu como condição central para o estabelecimento de uma paz duradoura e para a instauração de liberdade nas nações cristãs. É interessante observar o sugestivo editorial do jornal carioca:

A ordem de cessar fogo implica na ordem de cada um tomar conhecimento da loucura que é a guerra, da insensatez do apelo às armas para diminuir as divergências surgidas na vida de relações entre os povos. A ordem de ensarilhar as armas é a hora em que o homem, tantos anos esquecidos de si mesmo, no torvelinho dos combates, toma posse do seu espírito, entra em contato com a sua alma e se considera outra vez feito à imagem e semelhança de Deus. (...) Bendita hora esta em que a paz desce como uma benção sobre a terra. (...) Só agora nesta atmosfera risonha que a paz estende diante dos olhos dos que lutaram e sofreram, compreendem que os seus ídolos tinham pés de barro, e que o mais leve abalo os atterrara em pedaços no chão.⁶⁸

O editorial do *Jornal do Brasil* definia, igualmente, uma fórmula para o período de paz não se transformar numa mera pausa entre duas guerras. De acordo com o texto, a paz deveria ser dos povos livres e das nações cristãs, inclinando os homens a se entenderem como homens, dotados de alma e de bondade para que os sacrifícios da vida fossem mais livres e os infortúnios menos aflitivos.⁶⁹

⁶⁷ *CM*. 08/05/1945, p. 04.

⁶⁸ *JB*. 09/05/1945, p. 05.

⁶⁹ *JB*. 09/05/1945, p. 05.

Considerações finais

O artigo procurou analisar o material publicado por jornais brasileiros em decorrência do fim das batalhas da Segunda Guerra Mundial no continente europeu, especialmente as publicações sobre as comemorações iniciadas no Brasil com a derrota do nazi-fascismo e a posição editorial assumida pelos periódicos.

Importa observar os serviços prestados pelas *Agências Internacionais de Notícias* e a atuação das emissoras de rádio no Brasil. No primeiro caso, os telegramas alimentaram profissionais da imprensa ocupados com a cobertura da Segunda Guerra Mundial, sobretudo com a rendição da Alemanha. No segundo, as emissoras exerceram papel fundamental na divulgação do noticiário para diferentes cidades brasileiras. Porém, tratar da atuação das agências internacionais e das emissoras de rádio não foi tarefa simples, sobretudo em função escassez de fontes de pesquisa. Recorrer às publicações veiculadas pelos próprios jornais foi o recurso utilizado.

Convém lembrar, igualmente, que a imprensa convivía com as arbitrariedades impostas pela censura estadonovista. Controle, repressão, censura e manipulação dos órgãos impressos foram marcas do período. Porém, não parece possível negar os inventivos expedientes utilizados pelos jornalistas brasileiros para formular e veicular críticas, ainda que pontuais e sutis, as formas de ditadura instauradas mundo afora.

Mesmo num período de crise do regime e de discussões sobre a instauração do processo eleitoral, o noticiário internacional trouxe a baila alguns temas desconfortáveis para os defensores da ditadura e caros a manutenção do Estado Novo. Entre a preocupação com os telegramas sobre o cessar fogo no território europeu e o registro das comemorações em território nacional, os jornalistas aproveitaram o clima de euforia com a vitória das Nações Aliadas para tratarem da instauração da liberdade e da necessidade de reconstrução democrática mundial. Enfim, registraram o espoucar de foguetes, os festejos iniciados em diversas cidades brasileiras e aproveitaram para formular críticas as formas de ditadura, respingando, muito provavelmente, nos alicerces do regime estadonovista.

09/05/1945, p. 05.

